



A EXPERIÊNCIA DE AFILIAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM POPULAR: PRIMEIROS ACHADOS

George Michael Borges de Oliveira¹
Renata Moreira da Silva²

RESUMO

A entrada na universidade é uma experiência marcante na vida dos estudantes, em particular, para os estudantes universitários oriundos de famílias que possuem baixo nível de escolarização e baixo padrão de renda. Esses estão vinculados a ocupações que exigem baixo nível de qualificação, residem em bairros periféricos e/ou em cidades afastadas da capital e não possuem a herança do capital cultural e econômico. Tais aspectos caracterizam o estudante de origem popular. A vida dos estudantes universitários é constituída de um conjunto de sentimentos, experiências, emoções, expectativas, rupturas, frustrações e adaptações. O objetivo deste trabalho é apresentar os primeiros resultados, análises e discussões acerca da compreensão da experiência de afiliação entre estudantes universitários de origem popular, na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Neste trabalho de natureza qualitativa, realizamos um estudo de caso, ancorado em análise etnográfica. Foram realizadas entrevistas narrativas com três estudantes da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), as quais foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas. Observouse, com base na literatura e na análise preliminar das entrevistas, que no processo de afiliação, os estudantes universitários de origem popular enfrentam diversas barreiras que vão desde a visão idealizada, por vezes ingênua, de universidade, difícil adaptação às novas rotinas de estudos, novos estilos de vida, compreensão dos códigos da universidade até dificuldades de estabelecer relações interpessoais.

Palavras-chave: Afiliação. Estudante. Universidade.

¹ Graduando no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Bolsista do Programa de Educação Tutorial PET-Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB.

² Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação no Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA-PPDPSI). Professora Assistente na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB).

INTRODUÇÃO

O processo de interiorização das universidades públicas, isto é, a implantação de universidades no interior do país, contribuiu para que número crescente de estudantes de origem popular enxergassem a universidade como um horizonte possível, tendo em vista a descentralização e a regionalização da oferta de vagas (TEIXEIRA; COULON, 2015). Além disso, vale salientar, conforme Teixeira (2015), a importância de garantir condições objetivas de prolongamento da escolaridade na educação superior, apesar dos avanços nas políticas governamentais voltadas para a democratização das universidades públicas. A experiência vivida por esses estudantes universitários é atravessada pelas mais diversas questões, dentre as quais destacam-se a busca pela autonomia, pela liberdade e a possibilidade de mobilização social.

Nesse sentido, a vida dos estudantes universitários é constituída de um conjunto de sentimentos, experiências, emoções, expectativas, rupturas, frustrações e adaptações. A entrada na universidade é uma experiência marcante na vida dos estudantes, principalmente para os estudantes universitários oriundos de famílias que possuem baixo nível de escolarização, de padrão de renda, que são vinculados a ocupações exige baixo nível de qualificação, que são residentes em bairros periféricos e/ou em cidades afastadas da capital, que não possuem a herança do capital cultural e econômico³, caracterizando, assim, o estudante de origem popular.

Dentre as muitas questões que permeiam a vida dos estudantes, uma das mais relevantes e exploradas versa sobre o acesso e permanência na universidade (ZAGO, 2006; TEIXEIRA; COULON, 2015; PORTES; SOUSA, 2013; TARBOLA, 2012; REIS, 2013). A discussão sobre o acesso e permanência relaciona-se a outras questões, como por exemplo a afiliação estudantil, tema que ainda necessita de debates mais amplos na pedagogia, na psicologia, na sociologia da educação e em outros campos do saber.

³ Para Pierre Bourdieu (1966), capital cultura é um sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir as atitudes face à instituição escolar. Já o capital econômico se refere a diferentes fatores, como por exemplo: dinheiro, terras, fábricas e patrimônio. São conceitos importantes, mas que não serão discutidos neste trabalho.

De acordo com Zago (2006), as ciências sociais têm focalizado problemas mais divulgados pela mídia, como violência e tráfico de drogas, porém são poucos os estudos que explicam como esses estudantes permanecem na universidade, o que demonstra, a princípio, a necessidade de mais respostas para a presente questão.

Neste sentido, a vida universitária dos estudantes de origem popular é um tema que precisa ser aprofundado, tanto no que diz respeito a entrada quanto a permanência na universidade, principalmente por entender que os estudos voltados para os estudantes de origem popular não são suficientes para compreender a experiência afiliação entre estudantes universitários de origem popular de forma ampla, apesar de serem relevantes para a ampliação do debate.

Dito isto, o presente artigo, como parte fundamental do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em desenvolvimento no âmbito da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), busca apresentar os primeiros achados da pesquisa que tem como objetivo geral compreender a experiência de afiliação entre estudantes de origem popular. Para esta apresentação temos outros três objetivos, são eles; a) discutir sobre os marcadores de afiliação; b) Realizar as primeiras análises sobre o processo de afiliação; c) Pensar sobre as estratégias de afiliação empreendida pelos estudantes de origem popular.

Segundo o sociólogo da educação da Universidade de Paris VIII, Alain Coulon (2008) a primeira tarefa que um estudante deve realizar quando ele chega à universidade é aprender o ofício de ser estudante. O que significa dizer que, apesar das idealizações, a universidade é um universo desconhecido e que o estudante terá de se adaptar a esse novo contexto. Por outro lado, a entrada e a permanência, impõe mudanças radicais em sua rotina dentro e fora da universidade, às quais uma parcela dos estudantes vivenciam com certa dificuldade.

Com a objetivo de melhor compreender a experiência dos estudantes universitários de origem popular, elegemos o conceito de afiliação por entender que ele permite lançar um olhar horizontal sobre a experiência dos estudantes como sendo constituídas pelos mais diversos acontecimentos.

Cabe destacar que a escolha destes participantes da pesquisa é resultado do entendimento de que os mesmos convivem com barreiras impostas pelas suas limitações materiais, ao mesmo tempo em que precisam dar conta dos conteúdos de

seus respectivos cursos e, ainda, em alguns casos, sofrem com o impacto da ruptura-transição do ensino médio para o ensino superior.

Com isso, estruturamos o presente artigo em cinco tópicos, incluindo esta introdução, mais as considerações finais. No segundo tópico apresentaremos o conceito de afiliação. No terceiro traçaremos o percurso metodológico adotado até o presente momento. No quarto trataremos dos marcadores de afiliação e no quinto buscaremos tecer as primeiras reflexões acerca da experiência afiliação entre os estudantes universitários de origem popular da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), seguida das estratégias de afiliação.

1. SOBRE O CONCEITO DE AFILIAÇÃO

Antes de falar sobre o conceito de afiliação, é necessário destacar outros dois conceitos discutidos por Coulon (2008), que dão suporte teórico para o conceito que nos interessa em maior grau. Coulon (2008) divide a vida universitária em três tempos fundamentais; a) O tempo de estranhamento é caracterizado por rupturas bruscas, às quais os estudantes são submetidos e vivem com certa dificuldade; b) O segundo tempo é o da aprendizagem. Nesse tempo o estudante começa a lidar melhor com seu novo status de universitário; c) O tempo de afiliação, conforme o autor, é o momento em que o estudante entra progressivamente em seu novo papel, quando ele começa a familiarizar-se com seu novo ambiente” (COULON,2008). É o tempo de enraizamento, nos dizeres de Mortada (2012).

De acordo com Coulon (2008), o tempo de afiliação é dividido em dois planos; institucional e intelectual. O plano institucional se refere a capacidade de compreender e interpretar os múltiplos dispositivos institucionais que regem a vida estudantil cotidiana, já o plano intelectual corresponde a capacidade do estudante responder às expectativas em torno de si e mostrar competência (COULON, 2008). Enquanto o primeiro plano tem como característica o fato de ser definitivo, o segundo nunca será acabado e vai sempre encontrar-se recomeçando.

Sobre o conceito de afiliação, segundo Coulon (2008), ser afiliado significa:

que conhecemos os mecanismos, sabemos como as coisas acontecem e quando não passamos três horas procurando uma secretária ou um

gabinete, quando não estamos enlouquecidos, quando cumprimos os prazos. Significa empreender, no momento certo, alguns trâmites que cadenciam a vida do estudante: matricular-se nos cursos, devolver os trabalhos no prazo determinado, ter entendido o ritmo próprio das múltiplas regras da vida de um estudante e compreender sua ordem temporal (COULON 2008, p.202).

Diversos estudos que abordam o mesmo conceito trazem, trazem contribuições fundamentais para a ampliação desse debate, tais quais:

A afiliação de cotistas e não cotistas (OLIVEIRA; ROSA, s/d), afiliação emocional (NERY, 2011), afiliação de universitário com deficiência (OLIVEIRA, 2017), afiliação relacionada a multiplicidade e tensões e desafios da participação política do estudante (SPOSITO; TARÁBOLA, 2016) e, com maior número de estudos, a afiliação, tanto institucional quanto intelectual, de estudantes de origem popular (CARNEIRO; SAMPAIO, 2011; FIGUEIREDO, 2015; SOARES, s/d)

Desta forma, o processo de afiliação entre esses estudantes, além de apresentar-se como tema de relevância, mostra-se fundamental para responder a pergunta de como os estudantes de origem popular, convivendo com limitadas condições materiais, permanecem na universidade e obtém êxito neste universo. A necessidade de responder a esta pergunta perpassa pelo debate sobre a relação com o saber, ou seja, indica que a relação estabelecida por estes estudantes é também uma relação de identidade e leva em conta as suas histórias de vida, expectativas entre outros fatores de caráter subjetivo (CHARLOT, 2006).

2. O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste trabalho, do tipo estudo de caso, traçamos um percurso metodológico de natureza qualitativa, ancorado no campo etnográfico. Para contribuir com a elaboração de uma reflexão o mais próximo daquela descrita pelo sujeito de pesquisa, buscamos ferramentas de análise etnográfica, na qual existe uma preocupação em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisa (MATTOS, 1990).

A presente opção metodológica por essa linha de investigação, também conhecida como pesquisa como pesquisa interpretativa é resultado da compreensão de que de que o sujeito de pesquisa, historicamente ator das ações sociais e

interacionais, contribui para significar o universo pesquisado exigindo a constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador (MATTOS,1990).

Nesse sentido, procuramos como participantes de pesquisa estudantes cujo nível de afinidade nos permitisse investigar sua trajetória acadêmica e tecer reflexões a partir desta, considerando a afirmação de Laplantine (2005) de que não existe etnografia sem confiança mútua e sem intercâmbio. Escolhemos estudantes que gozavam de um perfil dentro daquele que consideramos como estudante de origem popular. Feito isso, realizamos entrevistas narrativas, que foram transcritas e posteriormente analisada.

A análise das entrevistas foi ancorada na perspectiva etnográfica de Laplantine (2005), na qual a percepção não é a do imediatamente visto, mas da visão mediada, distanciada, diferenciada, reavaliada e instrumentalizada. Todavia, trabalhada pela escrita. Desta forma, foi necessário observar atentamente tudo que encontramos, incluindo as expressões, os gestos, os suspiros, os sorrisos e os comportamentos mais anódinos.

Depois de analisar as entrevistas, elaboramos dois pontos de discussão importantes na compreensão da experiência de afiliação entre esses estudantes, considerando, conforme Laplantine (200, p. 22), “que longe de tentar compreender uma sociedade unicamente pelas suas manifestações ‘exteriores’, eu devo interiorizá-la através das significações que os próprios indivíduos atribuem a seus próprios comportamentos”.

3. MARCADORES DE AFILIAÇÃO

Como já foi demonstrado anteriormente, a interiorização das universidades e principalmente a lei de cotas, nº 12.711/2012, sancionada em agosto de 2012, que garante 50% das matrículas a estudantes oriundos integralmente do ensino médio público, traz no seu bojo um conjunto de questões que dizem respeito ao acesso e permanência desses estudantes.

De acordo com Carneiro (2011), o cotidiano das escolas de ensino médio diverge marcadamente do cotidiano de um curso universitário. Dessa forma o

período que antecede o ingresso à universidade é permeado por múltiplas perspectivas de futuro, no entanto a universidade nem sempre é um dos horizontes vislumbrado pelos estudantes, embora exista, por parte de alguns, o desejo de fazer uma faculdade, como em geral se diz.

Charlot (2000), ao abordar os conceitos de mobilização, atividade e sentido, em que mobilização significa reunir forças para fazer uso de si próprio como recurso, atividade é a ação empreendida pelo sujeito e que precisa de um sentido para sua realização. Assim, declara o mesmo:

Não é nenhum acaso que os meninos das famílias populares valorizam “o aprender” que permitem “virar-se” em qualquer situação: eles precisam efetivamente, aprender o uso de um mundo que não foi organizado em seu favor”. (CHARLOT, 2000. P. 73)

Conforme apresentado acima, é preciso fazer uso do mundo e, mais especificamente, dentro da universidade, precisam tornar-se membros e aprender o trabalho universitário, isto é, ler, escrever e pensar (COULON, 2008).

Nesse sentido, essas três atividades (ler escrever e pensar), tornam-se marcadores de afiliação, o que significa dizer que o processo de afiliação cobra uma adaptação progressiva e estratégica aos códigos da universidade e as regras do trabalho intelectual.

No caso dos entrevistados, observou-se que esse processo é vivenciado de forma diferenciada, mas encontra pontos convergentes. Além disso, os marcadores de afiliação se apresentam ao longo das narrativas de diferentes maneiras. A estudante Ana, do curso de Administração, por exemplo, diz que:

A minha trajetória, no começo, foi muito difícil porque eu sou de zona rural pra vir pra cá é muito corrido para mim, vamos dizer assim, então no começo pra mim acostumar de acordar muito cedo, sair daqui às vezes com fome isso foi muito difícil no começo, mas depois foi melhorando porque a universidade abre muito a nossa mente. A gente sente um pouco desalienado do que acontece ao nosso redor e aí a gente passa a ter outro pensamento quanto às coisas que a gente vive (Ana).

Quando a estudante nota que a universidade abriu sua mente, ela está sinalizando para uma alteração do seu modo de pensar, o que indica também uma alteração dos significados que atribui ao outro, ao mundo e a si mesma. Mas não é somente isso, sua narrativa evidencia outros elementos de sua trajetória. O principal

deles, segundo julgamos, versa sobre a dificuldade de acostumar-se com uma rotina de estudos destoante daquela do ensino médio, chegando a “passar forme”, para dar conta de acompanhar a dinâmica universitária, incluindo as duradouras idas e vindas da universidade.

Pedro, estudante de Nutrição, primeiro entrevistado, quando solicitado a escolher uma palavra que simbolizasse sua trajetória, escolheu *superação* por conceber que somente superando as dificuldades e se superando é possível permanecer na universidade sem desisti no meio do caminho, diz ele:

acho que por conta de tudo isso, por conta da dificuldade do início, dificuldade de me manter na cidade, talvez *superação*. Acho que não é fácil para alguém, estudante, se manter em outro lugar, frequentar as aulas e se manter sempre nisso sem desisti no meio do caminho, é bem difícil, então *superação* talvez seria a palavra (Pedro).

As narrativas de Ana e Pedro apresentaram maior aproximação em relação à narrativa de Cícero. Inferimos que uma das razões para isso advém do fato de que este, por sua vez, combina ao mesmo tempo a condição de estudante e trabalhador⁴, tendo que cuidar de dois irmãos, segundo ele.

Eu tenho que ralar, eu tenho que trabalhar eu moro com dois irmãos mais novos, então é um pouco difícil. Alguém tem que ralar, então eu acho que até nisso gera uma certa dificuldade também, o fato de ter que trabalhar, estudar e dormir pouco e o tempo que você tem disponível para relaxar ou se entreter, você tem que estudar porque senão você fica prejudicado na universidade, igual já reprovei em disciplina (Cícero)

A narrativa do Cícero toca em questões bem pontuais que se relacionam com os marcadores de afiliação. A mais implicante delas é a ausência de tempo ideal para se dedicar aos estudos. Permanecer na universidade demanda dele um sacrifício diário, tendo poucas horas de sono e tendo que abrir mão das horas que poderiam ser dedicadas a lazer ou outras atividades.

Ao que se pôde notar, os marcadores de afiliação são também uma forma de observar o quanto que estudante encontra-se familiarizados ao universo acadêmico. Nesse sentido, observamos que quanto mais tempo o estudante tiver à sua disposição tenderá a se afiliar com mais facilidade, tendo em conta o vínculo que

⁴ Na verdade Cícero é estagiário, no entanto preservamos o termo utilizado por ele próprio na entrevista.

estabelece com a instituição e principalmente com seus membros; colegas, professores, técnicos admirativos e demais agentes que compõem a universidade.

4. COMPREENDENDO O PROCESSO DE AFILIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE ORIGEM POPULAR

Ingressar em um curso universitário é sonho de milhares de estudantes. Os estudantes de origem popular, desde muito cedo sofrem com a pouca qualidade do ensino oferecido na maioria das escolas públicas. A lacuna da escolarização básica se mostra como um obstáculo para acesso à universidade, haja vista a enorme competitividade dos processos seletivos. Mesmo que o estudante transgrida com este obstáculo e consiga acessar um curso universitário, haverá de conviver com desafio muito claro, como destaca o estudo desenvolvido por Ressurreição e Sampaio (s/d).

Ao entrar na universidade esses jovens sofrem uma série de rupturas afetivas e culturais, como reflexos das relações que estabelecem na ambiência universitária provocando tensões significativas na organização do seu percurso de vida. Apesar das diferenças de condições econômicas e culturais com as quais se deparam para permanecer na universidade e das discriminações sofridas para alcançar a sua mobilidade social, estes jovens não apenas vivenciam sofrimento como também situações que são fontes de prazer: na apropriação de conhecimento e códigos acadêmicos, nas interações vividas na ambiência universitária e nas perspectivas que constroem para sua ascensão sócio-ocupacional (RESSURREIÇÃO E SAMPAIO, sd, p 1).

Como indicam as autoras, esses estudantes vivenciam um conjunto experiências que não são em sua totalidade desconfortável, apesar das visíveis dificuldades. O processo de afiliação se realiza ao momento em que o estudante supera o período de estranhamento e utiliza do conhecimento adquirido no processo de aprendizagem para afiliar-se nos dois planos, compreendendo que esse é um processo que está em constante recomeço.

A representação do estudante afiliado, de acordo com Ressurreição e Sampaio (s.d) converge com a nossa ao observar, por meio das narrativas de estudantes universitários de origem popular, que não só a compreensão de mundo, mas a percepção de si mesmo e a relação com o saber ficam mais aguçadas e críticas no percurso da universidade.

A participação efetiva em grupos dentro da universidade configura-se como um dos aspectos fundamentais para a afiliação estudantil de que nos fala Souza e Santos (2017). O estudo dessas autoras, destaca que as transformações vividas pela educação superior e os resultados positivos, como a entrada de estudantes de origem popular trouxeram consigo alguns desafios. Dois são marcantes: a permanência e afiliação estudantil.

Por tanto, consideramos, assim como destacam as autoras, que a participação em grupos na universidade, sejam eles grupos de militância, grupos de estudos ou grupo de iniciação científica, contribui com a permanência e com a afiliação.

No caso da iniciação científica, considerada como o espaço no qual o estudante é “iniciado no jogo”, contribui com o enfrentamento de desafios existente no decorrer do processo afiliação, são eles: a) “identificar os códigos e as linguagens; b) aprender a língua e a manejar os códigos e suas instituições; c) assimilar o aprendizado à sua rotina e dominar/ jogar com os códigos” (SOUZA; SANTOS, 2017, p. 157).

O estudo supramencionado aponta que permanecendo, material e simbolicamente, o estudante adquire possibilidades de desenvolver o processo de afiliação estudantil de um lugar seguro. Destaca, ainda, que o ingresso nos programas de iniciação científica configura-se como estratégia construída para o aprendizado científico e ampliação das possibilidades de permanência material e simbólica.

Desta forma, vale destacar que o processo de afiliação entre esses estudantes se configura como resultado de um conjunto de atividades empreendidas pelos estudantes a fim permanecerem na universidade.

4.1 ESTRÁTEGIAS DE AFILIAÇÃO ESTUDANTIL

Neste capítulo apresentaremos uma questão ainda pouco explorada pelos trabalhos que se debruçam sobre as trajetórias e experiências de estudantes de origem popular. Anteriormente pincelamos sobre as estratégias empreendidas pelos estudantes para se afiliarem tanto no plano intelectual quando no plano institucional.

Simone Weil (1943 *apud* MORTADA 2012, p. 224) dizia que “o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e que cada ser humano precisa ter múltiplas raízes”. É nesse sentido que começaremos a discutir sobre as estratégias dos estudantes para enraizar-se a universidade, o que, para nós, é sinônimo de afiliação estudantil.

O estudo de Heringer (2013) sobre as expectativas de ingresso no ensino superior vai nos mostrar que fatores como qualidade de formação escolar, ingresso precoce no mercado de trabalho e experiências prévias de fracasso vão convergir para que o estudante apresente modestas expectativas de ingresso e, em caso de aprovação, pode até mesmo gerar resistência a seu novo *status* de estudante universitário, como observado na narrativa do estudante Cícero.

quando eu cheguei aqui eu me surpreendi, eu não me sentir como pertencente ao lugar por que quando você se limita a sonhar que você realiza algo tão impactante na tua vida você meio que tem aquele sentimento de rejeição por assim dizer, a realidade, acho que é mais ou menos isso.

Heringer (2013) divide os participantes da pesquisa em dois grupos focais; “estudantes estratégicos” e o segundo “estudantes sonhadores”. O primeiro, composto por estudantes que sabiam o que queriam, planejavam e tinham pistas de como conseguir alcançar os objetivos. O segundo, composto por estudantes que tinham apenas uma ideia do que queriam, mas não sabiam como atingir os objetivos.

O nome dado ao primeiro grupo focal nos ajuda a refletir sobre as estratégias empreendidas pelos estudantes de origem popular por que são esses estudantes estratégicos que precisam, na universidade, elaborar estratégias, primeiro para permanecer, segundo para enraizar-se, ou melhor, para afiliar-se.

Portes e Souza (2013), ao analisar a permanência de jovens dos meios populares no ensino superior, apontam que as dificuldades com moradia, transporte, alimentação e aquisição de material didático configura-se como fatores impeditivos no prosseguimento de trajetórias acadêmicas. Fatores esses que, quando aliado ao trabalho, impedem que os estudantes vivam a experiência universitária plenamente. Teixeira (2013) indo nessa mesma direção, assevera que afiliação intelectual não se institui exclusivamente no ingresso na universidade, mas relaciona-se ao conjunto de experiências vinculados à vida socioeducacional do sujeito, o que significa haver

a necessidade do desenvolvimento do que aqui chamaremos de estratégias de afiliação, por mais que os (as) estudantes universitários (as) desconheçam esse conceito.

Assim como Carneiro e Sampaio (2011), nos interessamos em compreender como os estudantes de origem popular desenvolvem determinadas tarefas no contexto universitário e empreendem ações a fim de tornar-se membro. Cada estudante apresenta formas específicas de afiliar-se e constroem diferentes etnométodos. Afiliar-se no plano institucional não é a mesma coisa que afiliar-se no plano intelectual, ou vice versa, mas existe uma retroalimentação dos conceitos e também é sobre isso que nos dedicaremos a pensar partir de agora.

Ao longo das narrativas dos participantes observamos que, apesar empreenderem diferentes atividades e conceberem a universidade como uma possibilidade de ascensão social, todas giravam em torno de um único objetivo, isto é, permanecer na universidade. Porém, com a consciência de que “tem que sobreviver, tem que ganhar, vencer” e “se manter sempre nisso sem desistir no meio do caminho é bem difícil. É como “escalar uma montanha”, precisa-se “daquela vontade, daquela gana, daquela garra”. Precisa haver “pertencimento”, precisa haver “superação”. Por tanto, precisar enraizar-se.

Além do que foi posto anteriormente, pôde-se observar uma diferença significativa nas estratégias empreendidas pelos participantes para se afiliarem. O estudante Pedro, por exemplo, estando a mais tempo na universidade (sétimo semestre), demonstrou uma grande propriedade ao narrar sua própria trajetória, inclusive destacando a falta de livros na biblioteca e de oportunidades nos primeiros semestres como fatores negativos. Enquanto estratégias, ele demonstrou enxergar na relação com os colegas uma forma de tornar-se membro aliado a participação em grupos de iniciação científica (PIBIC), realização de atividade monitoria, como forma de maximizar o aprendizado e o renda mensal e aproveitamento dos momentos fora da universidade como forma de vislumbrar novos horizontes de atuação profissional, após a conclusão.

Já estudante Ana, (segundo semestre) demonstrou está confusa em alguns momentos, inclusive oscilando na menção universidade/faculdade, mas apresentou significativa familiarização com seu novo universo. Ela, no momento da entrevista, já estava “investindo no tcc”, o que dignifica a antecipação de uma atividade que só

será efetivamente demandada num futuro ainda distante. A aproximação do professor para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), concomitantemente com a participação em grupo de pesquisa⁵, se configura como uma estratégia de afiliação, muito mais atrelada ao que Coulon (2008) chamará de afiliação intelectual, mas que parte da compreensão da materialidade da regra, ou seja, afiliação institucional.

O caso do Cícero se difere marcadamente dos outros dois, por conta do tempo que este não tem para se dedicar a algumas atividades da universidade, implicando, conforme já mencionado, em reprovação como resultado da falta de tempo. Este estudante declarou não poder ficar muito tempo na universidade nem tampouco participar de grupo, haja vista a necessidade de “trabalhar” e cuidar de seus dois irmãos. A análise desse caso ajuda-nos na presunção de que sem tempo não há afiliação, ou seja, o tempo seria a condição precípua para a afiliação.

O aprendizado do trabalho universitário perpassa necessariamente pela superação do tempo de estranhamento, aprendizado e a decodificação das regras que regem o trabalho intelectual, em outras palavras é preciso aprender a tornar estudante universitário. O que se consuma com o desenvolvimento de etnométodos, como observamos anteriormente. Afiliar-se do ponto de vista intelectual, seria ainda, segundo Coulon (2008, p. 250) “saber identificar o trabalho não solicitado explicitamente, saber reconhecê-lo e saber quando finalizá-lo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os aspectos apresentados ao longo deste escrito, podemos observar, conforme a bibliografia acessada e pelas narrativas, que dentre os principais aspectos que compõe o processo de afiliação estão dificuldades iniciais de acompanhamento dos conteúdos apresentado em sala de aula, fruto da lacuna deixada pela educação básica, o impacto do processo de ruptura-transição do

⁵ Souza e Santos (2017) ao investigar o papel da pesquisa no processo de familiarização com o mundo acadêmico concebe a iniciação científica (IC) como espaço no qual o estudante é iniciado no jogo da ciência.

ensino médio para o ensino superior, superação progressiva das limitações materiais e intelectuais e estratégias afiliação estudantil de natureza diversa.

Logo, umas das principais dificuldades apresentadas na interiorização das universidades públicas continua a ser garantir condições objetivas de prolongamento da escolaridade na educação superior aos estudantes de origem popular, o que representa, talvez, o principal desafio enfrentado por esses estudantes se considerarmos a universidade como um divisor de água em suas vidas.

Por tanto, compreender a experiência de afiliação perpassa pelo entendimento de que a vida universitária é permeada por muitos sentimentos, expectativas, experiências que não se resumem aos aspectos negativos, mas também por múltiplas vivências que fazem da afiliação estudantil tempo de profundo aprendizado, de familiarização com seu novo papel e principalmente de estreitamento da relação com o saber.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que esse texto apresenta resultados parciais de estudo em desenvolvimento e também a necessidade de mais estudos sobre a respectiva temática, tendo em conta a amplitude do debate e o não esgotamento das interpretações.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: NOGUEIRA, M.A e CATANI, A. (Orgs) Pierre Bourdieu: escritos de educação. Petrópolis: Voze, 2012, p.39-64.

CARNEIRO, A. S. C., SAMPAIO, S. M. R. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos.** Salvador, BA: Edufba, 2011. p. 54-69.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com saber: elementos para uma nova teoria** - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COULON, Alain. **A condição de estudante: A entrada na vida universitária.** Salvador: EDUFBA, 2008. 268 p.

FIGUEIREDO, A. C. **Processos de integração e afiliação à vida acadêmica de estudantes de camadas populares no contexto de expansão universitária.** 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de pós- graduação em educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. 2015.

HERINGER, R. **Ainda um sonho distante: expectativas de ingresso na educação superior na Cidade de Deus, Rio de Janeiro.** In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) **Observatório da vida estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude.** Salvador, BA: Edufba, 2013. p. 21-38.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica.** Ed. Armand Colin, 2005.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In: MATTOS., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e Educação: Conceitos e usos** [online] Campinas Grande: EDUEPB, 2011. pp 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2.

MORTADA, S. P. A experiência estudantil na novíssima universidade brasileira. In: SANTOS, Georgina Maria Gonçalves dos; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. (Org.). **Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e cultura universitárias.** 1ed.Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 225-245.

NERY M. B. M. **O processo de afiliação emocional entre estudantes do programa permanecer da UFBA.** 2011.191 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Bahia. 2011.

OLIVEIRA S. S; ROSA D. L. **Afiliação universitária de estudantes cotistas e não cotistas: abordagens iniciais no âmbito dos aportes teóricos.** Disponível em < http://www.equidade.faced.ufba.br/sites/equidade.oe.faced.ufba.br/files/artigo_afiliacao_estudantes_cotistas_e_nao_cotistas.pdf. Acesso em: 18 de nov. 2017.

OLIVEIRA G. K. A. P. **A trajetória de afiliação de estudantes com deficiência na educação superior.** 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia. Bahia. 2017.

PORTES, A. E; SOUZA, L,P. O nó da questão: A permanência de jovens dos meios populares no ensino superior público. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) **Observatório da vida estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude.** Salvador, BA: Edufba, 2013. p. 60-80.

REIS, D.B. Continuar ou desistir? Reflexões sobre as condições de permanência de estudantes negros na UFRB. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) **Observatório da vida estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude.** Salvador, BA: Edufba, 2013. p. 179-196.

RESSURREIÇÃO S. B; SAMPAIO S. M. **Rupturas-transições no desenvolvimento de jovens universitários de origem popular.** Disponível em < <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-113.pdf>. Acesso em: 18 de nov. 2017.

SOARES M. P et al. Permanecer na universidade: afiliação intelectual e institucional de estudantes de origem popular. **Congresso Nacional de Educação (II CONEDU).** Disponível em

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_M D1_SA14_ID9_26082015211852.pdf. Acesso em: 18 de nov. 2017.

SOUZA, G. K.A; SANTOS, D.B.R. **Da afiliação a permanência: o protagonismo da iniciação científica.** In: **Observatório da vida estudantil: dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária, percursos e novas e novas perspectivas.** – Salvador: EDUFBA, 2017. p. 152-172.

SPOSITO M. P; F. S. TARÁBOLA. Experiência universitária e afiliação: multiplicidade, tensões e desafios da participação política dos estudantes. **Educ. Soc., Campinas, v. 37, nº. 137, p.1009-1028, out.-dez., 2016.**

TEIXEIRA, A.M.F. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos.** Salvador, BA: Edufba, 2011. p. 27-52.

TARÁBOLA, F. S. Trajetória de sucesso e longevidade escolar de estudantes de camadas populares da universidade de São Paulo. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) **Observatório da vida estudantil: estudo sobre a vida e cultura universitárias.** Salvador, BA: Edufba, 2012. p. 131-161.

TEIXEIRA, A; COULON, A. Interiorização do ensino superior público e afiliação: E se eu conseguir uma vaga, como vai ser?. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) **Observatório da vida estudantil: Avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo?** Salvador, BA: Edufba, 2015. p. 209-230.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, Aug. 2006.